

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES
SÔBRE A EPOPEIA ALEMÃ *KUDRUN*,
A PROPÓSITO DAS REFERÊNCIAS QUE ALI
SE FAZEM A PORTUGAL

(Cont. do n.º 3, pág. 339)

Depois de sete anos, recomeçam a luta na ilha — Hithins-øe — em que um e outro sucumbem, mas Hilda, dominada pelo ardor da paixão para com o espôso, desperta os mortos pelos seus cantos mágicos, para recomeçarem a luta. Aqui se mostra também um fundo místico, o poder demoníaco do amor ardente, a luta implacável dos antagonistas que não se extingue. Os nomes das personagens da lenda nórdica coincidem com os da lenda alemã. Também a lenda se conservou até ao século XVIII numa balada colhida numa das ilhas de Shetland (Cf. *Abh. der Akademie der Wissenschaften zu München*, 1867, II, 205 e seg.). Hiluge, um homem da côrte norueguesa, requesta Hildina, a filha do rei que se não mostra disposta a aceitar os galanteios, conquanto o pai favorecesse essa união. Durante a ausência do rei e de Hiluge, o conde (*jarl*) das Órcadas rapta Hildina para o seu país. Em sua perseguição, correu o pai e Hiluge. A conselho de Hildina, o raptor apresenta-se ao monarca desarmado, pedindo perdão que lhe é concedido, mas por instigação de Hiluge, o rei falta à sua palavra, atacando furiosamente o conde que cai sob os seus golpes. A cabeça do desgraçado atira-a Hiluge com as maiores imprecações a Hildina que

tem de regressar à Noruega. Finge aceitar a mão do pretendente, para se vingar do ultrage recebido.

No banquete nupcial, mistura no vinho uma beberagem, com que consegue fazer adormecer profundamente todos os convidados. Deita fogo à casa, depois de afastar o pai. No incêndio, encontra a morte Hiluge que ao despertar ainda pede a Hilda que o salve, respondendo-lhe esta com a mesma dureza, com que o pérfido norueguês lhe apresentara a cabeça do desditoso apaixonado.

Também entre os anglo-saxões, a lenda deixou vestígios.

Na elegia que data do século VIII aproximadamente, *Lamentação de Déor*, conservada no livro de Exeter, (manuscrito do século XI que o bispo Leofric ofereceu à catedral de Exeter) refere-se que Déor, cantor dos *Heodninge*, (*Heodseninga scop*) tendo perdido o favor do seu príncipe que lhe preferira o cantor Heorrenda, se consola com a lembrança dos homens e das mulheres das lendas heróicas, a cujo destino alude ligeiramente, citando em primeiro lugar *Weland* e em segundo *Beadohild*. (*Grein s' Bibliothek der angl. Poesie*, I, 249).

Correspondem evidentemente aos *Hegelinge* (por *Hetelinge*, propriamente homens de Hetel da epopeia germânica), os *Heodeninge* e *Heorrenda* da epopeia anglo-saxónica. No catálogo dos príncipes, *Viðsið* fala de *Hagena* (véold) *Holmrygum and Heoden* (correção de Grimm por Henden) *Glommum*. (J. Grimm. *Zeit für deuts. Alt.* 2. 2).

O primeiro povo deve ser os *Ulmerugi* que segundo Jordanes tinha assento na foz do Weichsel e ainda hoje aparece em vários toponímicos, como Helsingör, Helsingborg e Helsingfors. Wate sôbretudo foi muito popular em Inglaterra e ainda Chaucer se refere ao barco de Wade, o gigantesco barqueiro. (Cfr. Binz que coligiu todos os documentos sôbre a lenda nos *Beiträge* de Sievers 20, 192 e seg. Apud Martin. *Ob. cit.*, XLVIII-XLIX).

A luta sangrenta de Wülpenwert que constitue o centro

das narrativas nórdicas, é referida no poema de Alexandre, do cura Lamprecht, adaptação do de Alberic de Besançon, de que apenas existe um curto fragmento de 105 versos. Ali se compara a batalha no Eufrates, entre Alexandre e os Persas, ao combate junto de Troia e ao de Wülpenwert (onde o pai de Hilda morreu) entre Hagen e Wate: — dâr Hilden vater tât lach, inzwischen Hagenen unde Waten (Bartsch. *Ob. cit.*, Einl. IX).

A batalha de Wülpensand que na epopeia germânica se trava por causa de Kudrun, nas referências de Lamprecht, dá-se por causa de Hilda, versão esta que se aproxima mais da narrativa nórdica. Também no romance, *Salomo e Morolf*, do século XII, em que se conta o rapto da mulher de Salomão por um rei pagão e a sua libertação com o auxílio de Morolf, se exalta o poder fascinador dos contos de Horand que na lenda nórdica é o pai de Heðin e no poema alemão é o vassalo de Hetel. Ali se consideram como os dotes mais invejáveis, a sabedoria de Salomão, a beleza de Absalão e os doces cantos de Horand. A popularidade da lenda, no dizer de Bartsch, (*Ob. cit.*, Einl. XI) mostra-se bem na frequência com que aparecem como nomes de pessoas, os nomes dos heróis da epopeia, os de Hetel, Horand, Irolt, Wate e sobretudo de Kudrun que no obd. é Kuntrun, Guntrun, Gundrun. A forma do baixo alemão Kudrun, Gudrun que se generalizou com a queda do *n* e alongamento por compensação da vogal antecedente, (*Ersatzsdehnung*) denuncia a origem baixa alemã da lenda.

Indicadas as relações principais da lenda de Hilda e Gudrun e pondo de parte as influências que nas descrições das aventuras do joven Hagen exerceram o *Lancelot* de Ulrich von Zatzikhofen, o *Parzival*, o *Tristão*, além de outros motivos, devo todavia referir a narrativa do duque Ernesto, composta depois da cruzada de 1172 e antes de 1186. Nela se descreve a vida aventureira de Ernesto, filho do primeiro

matrimônio de Adelaide, a mulher do imperador Otão. A princípio, o príncipe gozou de grande protecção na corte do padasto, em cujo desagrado caiu por intrigas do conde palatino Henrique, sobrinho de Otão. Com o consentimento dêste, Henrique penetra nos domínios de Ernesto, a Franconia oriental, mas é derrotado em Norimberga e Wurzburg. Com o conde Werner e outro companheiro, marcha para Espira, onde na presença do imperador mata o inimigo. Depois de várias lutas com Otão, resolve organizar uma cruzada. Um grande exército atravessa a Hungria e a Bulgária, marchando para Constantinopla, onde embarcam. Uma tempestade destroça a armada; o navio em que iam Ernesto e Werner, aporta à terra Grippia, onde habitava um povo com pescoços e bico de grou, a quem tiram uma princesa que fôra raptada de Índia. Continuam a navegar, naufragando na montanha magnética. Seis dêles, os únicos que resistiram à fome e ao frio, envolvidos em peles de bois são levados pelos grifos, para o seu ninho, conseguindo numa jangada, através da montanha do carbunculo, chegar até aos Arimaspes, povo de um só olho. Combateu com os gigantes, marchando até à Índia e ali venceu a favor dos pigmeus, os grou, a seguir o rei da Babilonia, alcançando Jerusalem e ajudando os Templários na defesa do santo Sepulcro.

De regresso ao seu país, reconcilia-se com o imperador que lhe perdoa, assim como a Werner, a quem restitui a posse das suas terras e honras. (Cfr. *Fausto de Goethe*, 2.^a parte. Scene Aon obern Peneios).

Indiquemos ainda o fundo popular de alguns passos do poema, entre os quais principalmente a scena da lavagem da roupa na praia, o encontro de Kudrun com o irmão e o noivo que é o tema do *Lied von der schönen Meererin*, publicado por Schröer na Germania 14, 327-333. (Vid. o resumo da canção em *Die deutsche Heldensage* von Prof. Dr. Otto

Iriczek. (Sammlung Göschen, nota a pag. 201). Bartsch (*ob. cit.*, Einl. XX) cita também uma narrativa oral, colhida em Mecklemburgo. Um rei e sua mulher tinham uma filha única, cuja mão o rei da Dinamarca pede para seu filho. A aliança não agrada aos pais, por causa de inimizades antigas.

Entre os vários galanteadores, havia um príncipe «ut Norden» que é aceito. Os noivos embarcam cada um no seu navio, acompanhados do respectivo séquito. Sobrevem uma tempestade que os separa. O príncipe volta ao país de noiva e aí se casa com a mais bela dama da corte; a princesa aporta à Dinamarca, onde o rei e a rainha renovam as pretensões antigas. Como não acede, encerram-na numa torre. Na comitiva da princesa, ia um joven jardineiro que a infeliz muito estimava. Êsse fôra ter a uma ilha próxima, mas sabendo o destino da sua senhora, consegue chegar à torre com o fim de a libertar. Como a princesa recusa o seu auxílio, dirige-se aos soberanos que admirados reconhecem no jardineiro o próprio filho. A princesa que o ama, não deseja sair da prisão, sem o consentimento dos pais. Entretanto, o rei do norte, conhecedor do sucedido, reclama a princesa para o filho. Rompem as hostilidades. Dá-se uma grande batalha. O castelo é tomado e a velha rainha morre queimada. A princesa incita à luta os dinamarqueses que conseguem repelir os homens do Norte.

Faz-se a paz; chega a autorização paterna e ela casa com o príncipe dinamarquês.

Outras influências na lenda de Kudrun foram determinadas. Assim Simons no *Grundriss* de Paul, 3,718 mostrou a semelhança com o conto da gata borralheira e Suchier nos *Beiträge* 4.500 sg. com a lenda do cavaleiro do cisne.

Como é conhecido, é um cisne que conduz Lohengrin, o cavaleiro do Santo Graal às costas de Brabante, onde libertou a princesa Elsa. Lembremos ainda que a luta de Hagen com um animal extraordinário, um *Gabilûn*, cujo

sangue bebeu, ao que agradece a sua grande fôrça, foi imitada da luta de Sigefredo com o dragão.

CAPÍTULO III

Originalidade do poeta em relação aos seus modelos. — Como na obra se reflecte o ideal cavaleiresco da época. — Anacronismos e contradições que ali figuram. Carácter essencialmente marítimo do poema. — O sentimento nacional de um povo de navegadores — Dificuldade de identificação de vários lugares referidos. — Exposição das opiniões dos críticos alemães sobre o assunto. — Impossibilidade de com segurança se determinar o fundo histórico dos acontecimentos da Kudrun. — Referências a países afastados do local da acção, entre os quais Portugal. — Tentativas de explicação das alusões ao nosso país, conhecido na Alemanha por intermédio dos cruzados que colaboraram em várias expedições portuguesas contra os sarracenos. — Identificação feita por Martin, dos nomes *Agabi* e *Kassiane* com os de Algarve e Cacém.

Conquanto não seja fácil determinar até que ponto o poeta se inspirou dos seus modelos, é fora de dúvida que a forma estrófica adoptada indica certa originalidade. Não conserva a antiga forma épica simples de rima emparelhada; modifica a estrofe dos *Nibelungen*, imprimindo-lhe um carácter mais lírico e sentimental. De harmonia com o gosto dominante que se comprazia já nas narrativas francesas do ciclo arturiano, e que apesar-de hoje nos parecerem por vezes enfadonhas, banais e chocantes, representavam o ideal cavaleiresco da época, misturou à tradição heroica, elementos perdidos à civilização cristã e feudal.

A descrição das festas e torneios, de armas e trajos, de vios e castelos, transporta-nos às residências senhoriais da idade média, o que só prejudica a unidade e espontaneidade da obra. O poeta medievo não possuía a objectividade necessária para restituir o passado com fidelidade; carecia em

absoluto do poder de evocação histórica. Todas as figuras, pertençam ao mundo greco-romano, ou história bíblica, têm o mesmo cunho medieval. Daí anacronismos, contradições palpáveis. Assim quando o velho rei Luís, encolerizado pela recusa de Kudrun, a arrasta pelos cabelos, atirando-a à água, mostra-se a rudeza bárbara dos antigos germanos que não se concilia com a recepção festiva que é preparada na côrte à recém-vinda. Em 1021, diz-se que Kudrun esteve na Normandia sete anos completos (*siben jâr bevollen*) e em 1070, cinco anos e meio (*sehstehalpe jâr*). Ortwin que na expedição à Normandia é ainda bastante joven, acorre já com um exército próprio em auxílio de Herwig e toma parte na batalha de Wülpensand. Os mensageiros de Hetel apresentam-se na côrte de Hagen como gente de negócio, cuja liberalidade e ao mesmo tempo perícia nos jogos guerreiros a todos surpreendem, o que não obsta a que se deem a conhecer como vassalos de Hetel que o seu senhor, de que exaltam a riqueza, fêz exilar. Muitas são as contradições e repetições que tem sido postas em evidência e seria ocioso repetir, limitando-me a pôr em relêvo que a tradição épica, transmitida de geração em geração, havia de ser alterada, de harmonia com as crenças, as paixões, os costumes de cada época, não sendo por isso de extranhar os anacronismos, inconseqüências que na obra se encontram.

À crítica, como uma das suas mais belas funções, pertence reünir esses destroços, procurando reconstituir o que pela marcha dos tempos se adulterou ou desfigurou.

O nome da heroína, *Kudrun*, corresponde ao obd. *Kuntrum*, *Gundrun*, com a queda do *n* e alongamento por compensação da vogal antecedente, o que só se podia dar no frisio, anglo-saxão, e saxónico, mas como por outro lado nem no grande repositório das tradições saxónicas, a *Thi-dreksage*, nem entre os escandinavos e saxões há documentos seguros da lenda de Kudrun, propriamente dita, é-se levado

a concluir que a Frisia, ou pelo menos a parte do país, onde os nomes frisões eram correntes, seja o local onde a lenda teve maior desenvolvimento. No noroeste da Alemanha, também há documentos literários, em que os vestígios da lenda são evidentes, como o *Alexandre*, de Lamprecht, *Salomon* e *Morolf* mas que pertencem a uma época posterior, devendo pressupor o conhecimento da mesma. O razoável é admitir que nas costas do mar do Norte a canção popular aproveitou uma tradição comum às populações nórdicas e alemãs, de onde foi levada para o interior da Alemanha, de noroeste para sudeste até à Áustria e aí utilizada em fins do século XII por algum poeta inspirado na elaboração da epopeia, o que se reconheceu pelo estudo da língua e comparação com outras composições, como os *Nibelungen*, *Klage*, *Biterolf*.

Também se pensou na Baviera, onde o conhecimento da Kudrun se conservou por mais tempo, gozando de grande popularidade em Passau e Regensburg entre os *burgær* e *koufliut*, nos quais perdurou por muito mais tempo a lembrança das lendas heroicas do que nas cortes influenciadas pela moda francesa.

O poema *Kudrun* tem um carácter essencialmente marítimo; nele se retrata o sentimento nacional de um povo de navegadores. As populações germânicas do mar do norte entregavam-se ao comércio e à pirataria, entretinham relações, ora pacíficas, ora guerreiras, com os países limitrofes, como a Dinamarca, Noruega, Ilhas Britânicas, Países Baixos e mesmo costas da França. O traço fundamental do seu carácter era o espírito guerreiro, o desprezo da vida, o gosto das viagens longínquas. Esses riscos de vida aventureira, fértil em desastres e surpresas, em que se procurava simultaneamente a glória militar e o interesse comercial, tem a sua expressão mais completa nessa grande obra, composta originariamente de partes separadas e que nos foi conser-

vada pelos cuidados do imperador Maximiliano I que a mandou copiar com outros poemas antigos para a biblioteca do castelo de Ambras no Tirol.

A acção do poema passa-se nas costas e ilhas do Norte. Embora seja tarefa quási impossível fazer a identificação geográfica segura de todos os lugares referidos, a sua maioria é evidentemente situada nos países do Norte. Hagen é filho de uma princesa norueguesa e do rei Siegbant da Irlanda; a capital do seu país referida em 161,2; 288,3; 293,1; 441,1; 559,4 é *Baljân*. *Ballyghan* é freqüente na toponímia da Irlanda; também sob o nome de *Irland* se designava originariamente uma localidade holandesa e ainda hoje uma parte de Texel se chama Eijerland. Da comitiva de Uta fazem parte 700 cavaleiros do país dos *Frideschotten*. Certamente trata-se dos escoceses de alguns dos numerosos «firths» da Escócia. Uma das companheiras de Hilda e que é salva por Hagen, vindo a casar com um príncipe da Noruega é de *Iserland* que Martin, visto tratar-se de países muito remotos, identifica com a Islândia, citando também *Iserterre*, no país do rei Klamidê, no Parzival, cujo capital é Brandigan (*ob. cit.*, pág. 30, nota).

De *Garadê* vem o navio que acaba por recolher Hagen e as suas companheiras que há vinte e quatro dias vagueavam pela floresta. O nome que aparece também nas formas *Garadê* e *Garadine* (116,4; 117,2; 126,1; 136,2; 150,4; 158,1; 144,3) deve indicar um lugar próximo, ao da Irlanda, pois em 130,2, o comandante do navio, ao saber que Hagen era filho do rei da Irlanda, diz-lhe que os seus amigos lhe fiseram muito mal em *Garadê* que fica situada muito próximo dêles:

mir habent dine friunde,
ze Garadê dem lande,
sie lieszen mine helde

Vol. 73.^o, n.^o 4 — 126.

getân sô manigiu leit
daz lit in gar ze nâhen
in einer herte slahen unde vâhen.

Tem-se pensado em *Cardigan*, no país de Galles.

De um dos primeiros príncipes, a cujos ouvidos chega a fama da beleza de Hilda, filha de Hagen, diz-se que é da Dinamarca, no país de *Wâleis*, nome êste que aparece em 208,2 sob o domínio de Hetel que evidentemente não pode ser o mesmo príncipe. A *Wâleis* aporta Wate no regresso da Irlanda (465,2) e aí se trava também o combate com Hagen (466,2). A identificar *Wâleis* com o país de Gales, é mais verosimil supor que se trata de uma região no Reno inferior que se chama *Vahalis* e que compreendia provavelmente as terras atravessadas pelo Waal, um dos braços do Reno.

Em 641,4 *Wâleis* é a marca de Morung, vassalo de Hetel e igualmente o é em 697,1; 1087,2; 1370,3; 1415,3, mas em 799,4 parece ser o país de Herwig o rei da Zelândia, noivo de Kudrun, pois é aí que Hetel acorre em auxílio do futuro genro, cujas terras foram invadidas pelos mouros. Por outro lado, *Wales* aparece como *Wâleis* em Rudolfo de Ems (Vid. *Kaiserchronik*-Massmann 3,495 e *Weltchronik* na nação geográfica, publicada por Zingerle. *Sitzungsberichte der Wiener Akademie* 1865 v. 1204. Apud Martin, *ob. cit.*, pág. 47, nota).

Em 641,3 ao referir-se a invasão do país de Hetel pelas forças de Herwig que lhe requesta a filha, diz-se que levava consigo uma gente do país de *Gâleis*(1) que o forte Morung bem conhecia da marca de *Wâleis*, o que indica tratar-se de dois países próximos.

Por Dinamarca (*Tenemark*) podem-se entender os velhos domínios dos dinamarqueses na Frísia e na foz do Escalda no século xi, como opina Bartsch, e me parece mais natural

(1) O nome *Galeis* denota a origem francesa. *Wales* em Gottfried de Estrasburgo é *Gâles*. Na *Krone der Abenteuer* de Henrique de Türlin, aplica-se o nome de *Galois* a Parzival e *Walois* a Kalogreant.

ou o reino na península do Jutlândia e ilhas do Báltico, como entende Martin. Dinamarqueses são os vassalos de Hetel, Horand e Frute; na expedição contra Hagen toma também parte, a conselho destes, Wate, o senhor de *Sturmland*, e país das tempestades, não sendo talvez desarrazoado explicar a ideia do poeta, ao atribuir êsse país ao famoso herói, pelo carácter violento (*stürmisch*) do velho gigante marítimo, como pensa Müllenhof em *Haupts. Zeitsch.* 6,62. *Stürmen* que é a indicação do país em 204,2; 884,1 é o mesmo que *Sturmlant* em 263,1; 465,1; é o dat. pl. de *Sturm*, como Sêwen por Sêlant em 706,1; 867,1; 1214,1; 1257,1; 1674,1. Martin identifica-o não com *Stormarn*, mas com o distrito de *Sturmi*, na região de Verden. (*Ob. cit.*, pág. 48, nota).

Os restantes companheiros de Wate, Horand e Frute, na perigosa missão do rapto de Hilda, são Isold de *Ortland* e Morung de *Nifland*. *Ortland* que no manuscrito aparece as mais das vezes como *Horland* em que o *H* está por *N* como em *Horwage*, 8,4 *Hormandin*, 587,1 aparece também como *Nortlant* em 371,3; 1704,2. Ortwin, filho de Hetel e Hilda, irmão de Kudrun, chama-se senhor de *Ortland*. J. Grimm em *Haupt. Zeits.* 2,5 aconselha a grafia *Ortland* por aliteração com Irolde Ortwin, os senhores do país. Müllenhof refere o *Comitatus Nortlandiae* (Michelsen, *Dithm. Urk.* 38 vom Jahre 1145) e um *Nortland* na *Chron. de Luneb.* em 1162 (*Eccard., Corp. hist. med. aevi I*, 1390 apud Martin, *ob. cit.*, pág. 48 nota).

Bartsch (*ob. cit.*, pág. 356) identifica-a com Jutlândia. O que é fora de dúvida é que *Ortland* e *Nortland* são o mesmo país, constituindo uma parte da região dos Hegelinge, sujeito primeiro a Hetel e depois a Ortwin. Wate e outros mensageiros de Hetel chamam-se *die von Ortlande*. Por *Nifland*, deve entender-se o país dos *Nibelungen*, no Reno inferior, segundo Bartsch que sugere também a identificação

com *Livland* (Livonia) que é adoptada por Martin. Na Livónia, província esta que em russo se chama hoje *Infland*, se tinham estabelecido os dinamarqueses e com o nome de *Nifland* aparece na crónica livónica, assim como também, entre outros, em Guilherme de Áustria — *durch Riuzen und durch Nifenlant* — (Haupts Zeits. I, 216).

O nome Morung parece ser patronímico, como também o é *Maurungania*, o país ao oriente da Elba (Zeuss. Die Deutschen 472 cit. em Martin *ob. cit.*, pág. 50 nota). O *Holzâne lant* (1089,1) também chamado *Holzsaetzen lant* (1374,3, 1415,1) e que aparece, ora como sujeito a Irold, ora a Frute, é o Holstein.

O teatro principal das aventuras de Kudrun é o país dos Frisões, entre as embocaduras do Reno e do Elba. O seu pai, Hetel, é rei da Frísia (208,1) que sem dúvida deve ser a Frísia holandesa; a Frísia parece ter recebido Irold como feudo (231,4); também Morung vem dos Frisões (271,1) e se chama da Frísia (480,1). Hetel tinha também sob o seu domínio Dietmers (208,2) que é a região dos Dithmarsos, ao norte do Elba. O seu castelo é em Matelâne. J. Grimm na Haupt Zeits. 2,3 sugere a identificação com o *Mediolanum* do Reno inferior de Ptolomeu que é hoje o pequeno lugar de *Meteln*, no Vecht, entre Horstmar e Bentheim. Bartsch (*ob. cit.*, pág. 355) inclina-se à identificação com *Mattinge*, na Holanda do sul ou *Mattenburgo* na proximidade de Bergen-op-Zoom. Martin (*ob. cit.*, pág. 173 nota) relaciona Matelâne com o francês *Madelaine*, santa esta que tem culto especial em Marselha.

Herwig, o noivo de Kudrun, é da Zelândia; no seu escudo traz como peças hieráldicas *seeblätter*, folhas de uma planta marítima, o *lotus nymphaea*. A Zelândia, de que aqui se fala, é provavelmente não a ilha dinamarquesa, mas a Zelândia frísia.

Sobre a identificação da pátria de Luís, o esposo de

Gerlinda e pai de Hartmut e Ortrun, não há dúvida. É ele rei de *Ormânie* que também aparece como *Ormanîn*, *Ormandîn* e mesmo, embora com menos freqüência, como *Normanîe* (1693,1); *Normandîe* (1703,3) *Normendî* (604,1) etc. Trata-se dos normandos, de cujas expedições marítimas aos países mais longínquos se faz eco a epopeia germânica!

As tribus germânicas do mar do norte, segundo a narrativa da *Kudrun*, reünem-se sob a hegemonia dos Frisões; disputando-lhes o domínio dos mares, encontramos os normandos que na idade média tiveram um destino dos mais brilhantes. A realidade histórica dos factos referidos poderia admitir-se apenas, é claro, no seu conjunto, sendo muito provável que os piratas normandos, desde as suas mais antigas expedições no mar do Norte, estivessem em guerra com os germanos da Frísia.

Nas suas linhas gerais, os episódios da guerra sangrenta entre os dois povos, como se descrevem na *Kudrun*, deram-se da maneira seguinte. Os Normandos, que desconcertavam os habitantes das costas, onde faziam as suas incursões pelo imprevisto dos ataques e rapidez da fuga, entraram inesperadamente na capital dos Frisões, donde levaram com grande presa, uma parte da população cativa. Seguiu-se violenta luta entre ambos os povos, tendo-se travado terrível combate no *Wülpensand*, ilha situada entre a foz do Escalda e do Mosa. Os Frisões foram vencidos, mas desforraram-se, invadindo a Normandia e libertando os prisioneiros. Lembremos que no Reno inferior se deram no século IX as incursões dos dinamarqueses, acompanhados de grandes devastações. Dessas lutas apenas um nome passou para a poesia alemã medieval, Sigefredo. A seguir à batalha de Saucourt, 881, os normandos depois de uma nova incursão em Aschloh (hoje Elsloo) a baixo de Maestricht, foram completamente cercados. Só a fraqueza do imperador Carlos, o Gordo, evitou o seu aniquilamento completo. Sigefredo foi morto em 887, sendo

o seu nome exaltado pela parte que tomou no cêrço de Paris.

Problema quási impossível é determinar com segurança o fundo histórico dos acontecimentos, referidos na *Kudrun*, não se devendo perder de vista que a poesia heróica zomba da cronologia.

No mesmo tipo ideal funde figuras de épocas e países diferentes, reúne factos ocorridos nos períodos mais distanciados. Os heróis da epopeia tem uma idade constante que faz parte da sua maneira de ver e está em harmonia com o seu carácter. Assim a princesa Hildeburg, citada como uma das companheiras de Hilda, é amiga inseparável de *Kudrun*, vindo a desposar um pretendente da mesma, Hartmut que por consequência se pode considerar mais novo do que ela duas gerações. Por isso todas as identificações são precárias; referirei, no entanto a que foi apresentada por Hans Widmann no *Anuario do Gymnasio de Goetz*, 1873. No entender de Widmann, na vida acidentada de *Kudrun*, representa o poeta a odissea da segunda mulher de Otão I, Adelaide que enviuvando aos 19 anos do seu primeiro marido, o rei Lotário da Itália, teve de sofrer os maus tratos do margravio de Ivrea, Berengario e de sua mulher que a queriam casar com seu filho Adalberto, conseguindo fugir do cárcere da Como, onde a tinham encerrado. Também nas estrofes 610 e seg. vê Martin (*ob. cit.*, Einl. XLII) uma alusão confusa às lutas entre João sem terra (o tio do imperador Otão) e Luís de França em 1217.

Sendo o teatro da acção o mar do Norte, é na verdade curioso que haja no poema alusões a Portugal. A primeira é em 119,2.

Uma das princesas que Hagen encontra na ilha deserta, companheira da princesa da India que era a mais velha, e da princesa de Iserland, a mais nova, declara ao conde de Garadîe que as interroga sôbre a sua proveniência que um

grifo selvagem as arrebatou em Portugal, que seu pai era o senhor daquele país. Na VII aventura, ao referir-se o rapto de Hilda, filha de Hagen por Hetel, diz-se que com ela ia uma donzela que bem podia ser de estirpe real; (diu mohte vil wol sin geborn von küneges künne) era das que estiveram muito tempo entre os grifos; chamava-se Hildeburg. Hilda, a mulher de Hagen, tratara-a sempre com as honras devidas à sua gerarquia; nascera em Portugal. Em 1008, 1,2 na XX aventura, quando se descreve a chegada à Normandia de Kudrun, depois do desastre de Wülpensand, onde os Hegelinge foram destroçados pelos normandos, especifica-se que entre as cativos ia uma que era da Galiza (*Galitzen lant*) e que fôra a sua infelicidade que a exilara de Portugal. Em 1059,1 1062, 2, 3 lá se volta a dizer que Hildeburg, companheira de Kudrun, era também filha de rei (diu was ouch küniges kint) que seu pai também tinha coroa, desejando assim partilhar da desdita da sua inseparável amiga. Em 1196,3 chama-se-lhe a nobre Hildeburg da Galiza (*Hildeburg diu edele von Galizen lande*). Em 1639, Kudrun, desejosa de retribuir os serviços prestados por Hildeburg que no poema ocupa um lugar quasi do mesmo destaque que a heroína, aconselha Hartmut a desposá-la em termos entusiásticos: «Desposa Hildeburg, a nobre princesa. Não podes encontrar no mundo donzela de maior distinção».

Com o rei de Portugal declaram a Hetel (221,222) Frute e Horand que tiveram violentos combates (*in herten stürmen geslagen vil schedelîche wunden*). Como interpretar tais referências que à primeira vista parecem mais descabidas do que realmente são? Em primeiro lugar, convém acentuar que ainda a outros países, também muito afastados do local dos acontecimentos, se alude.

Da Índia é Hilda a mulher de Hagen (118,3; 170,1; 177,3; 197,2). O Wikinger dinamarquês, Sigefredo, aparece-nos como rei dos mouros, o que não é de estranhar, pois a idade

média confundia pagãos e sarracenos. O seu reino é *Môrland*, cujo primeiro elemento nada tem que ver com mouros, parecendo ser *Moor*, terra pantanosa (1). Originariamente, devia ser um país do norte; Sigefredo é um dos pretendentes à mão da filha do rei da Frísia, invade os domínios de Herwig que são a Zelândia e com uma irmã do mesmo vem a casar. J. Grimm na *Haupts Zeitsch.* 2,3 sugere a identificação com *Maurungania*, como no século v era indicada a região ao oriente do Elba. O poeta, obedecendo ao gosto da época, pelo fantastico e exótico, converte *Môrland* em verdadeiro país dos mouros.

Em 721,1; 722,4 lá vem como *künig von den Moeren*. Em 670,3 fala-se dos reis mouros que se comprometeram a entrar na exposição contra Herwig, sem que mais tarde se aluda a qualquer outro, além dêle. Em 579,1 diz-se que Hetel recusou a mão de Kudrun a Sigefredo rei em *Alzabê*. Os mouros também em 167,4; 673,2; 719,2 são chamados os de *Alzabê*. O nome tem evidentemente cunho oriental. Martin inclina-se baseado na forma do manuscrito *Azzabe* (também em Biterolf 1161) a identificação de Weinhold com *Ascabee*, *Ecebeh* (Esbieh) no Tigre, próximo da confluência com o Eufrates (*ob. cit.*, pág. 355 nota).

Em 397,1 Horand canta uma melodia de *Amilê*. Nenhuma das identificações apresentadas é satisfatória; no entanto a maior parte dos critérios pensa no Oriente. Dentre as várias indicadas por Martin, citarei a de Müllenhof que a interpreta como canção sarracena. C. Hoffman lembra a origem sarracena dos *Amileh*. E. Meyer indica a montanha *Aamileh*, junto de Sidon na Palestina.

(1) O elemento mar, aparentado com *Moor*, *Meer*, *Marsch* aparece na toponímia alemã. Assim Weimar, Wismar, Kolmar. Nada tem que ver com o ant. alt. alemão *māri* (notícia) got *mers* (conhecido) que figura com frequência no onomástico. Assim Dietmar, Viemar, Walde-mar, etc.

Na opinião de alguns, o oriente seria afamado pela sua música e arte de canto. *Morolf* (est. 256) aprender a sua arte em *Indean*.

O mais verosimil é explica-la como a canção das sereias, pois diz-se que *Horand* a ouviu *uf dem wilden vluote*; o sussurro das ondas seria interpretado como a música dos espíritos aquáticos, (*Martin ob. cit.*, pág. 92, 93, nota).

É certo que em 1588,4 os mouros cantam uma melodia da Arábia.

A Arábia é nomeada em 266,1, onde se diz que as amarras dos navios da expedição de Wate e dos seus companheiros à Irlanda eram da Arábia, o que comparado com 267,3; 1108,1 parece significar que eram de seda. Em 1326,1 ao descreverem-se os sumptuosos aposentos do palácio do rei normando, para o que o poeta se inspirou da descrição do leito dos reis burguinhões na côrte de Etzel, nos *Nibelungen*, diz-se que havia lá estofos da Arábia. E ainda em 1616,2 ao exaltar-se o acolhimento que os hóspedes de Kudrun tiveram na côrte de sua mãe Hilda, a propósito dos vestidos que lhes foram oferecidos, se fala da rica Arábia. A Arábia, famosa pelos preciosos estofos, é referida com freqüência pelos poetas medievais. (Cfr. *Nibelungen*, 535,4 Av. 776,2).

O poema, como indiquei, tem um carácter marítimo; só a observação directa poderia representar com tanta fidelidade e viveza de cores a natureza característica do oceano e não seria arriscado admitir que o seu autor, a exemplo de um Wolfram ou de um Walther, levado pelo gosto das viagens, se deslocasse do seu acanhado país, talvez das montanhas tirolesas às costas do mar do Norte ou do Adriático e quem sabe mesmo se até ao oriente, cuja atracção na idade média pelo sentimento religioso, por espírito comercial e aventureiro, era tão dominadora.

As alusões a Portugal, a meu vêr, explicam-se perfeita-

mente, porque na Alemanha do século XII o nome do nosso país se tornara conhecido por intermédio dos cruzados, como teatro de feitos heróicos na luta gigantesca contra os saracenos em que tomaram parte activa. Na tomada de Lisboa, colaborou a armada de cruzados que em 1147 largava do pôrto inglês de *Darmouth* para a Terra Santa e da mesma faziam farte alem de franceses e ingleses, principalmente habitantes do Reno inferior e da Frisia, de Colónia e outras cidades situadas no Reno e no Weser. (Sôbre a tomada de Lisboa, Vid. Alexandre Herculano, *História de Portugal*. Ed. de David Lopes, 1915. Tômoo III, pág. 9 e segs.). Em 1189, nova armada de cruzados também dos países setentrionais, Frisia e Dinamarca entra no Tejo, marchando com a armada portuguesa para as costas do moderno Algarve, onde ambas tomam o castelo de Alvor. (Herculano, *ob. cit.*, tômoo III, pág. 166-169). Em Julho de 1189 outra armada de cruzados, constituída por 37 navios, vindos da Alemanha e de Flandres, auxilia D. Sancho I na conquista de Silves, onde deram largas aos seus instintos ferozes, o que levou o monarca a ocupar a famosa capital do Chenchir e a expulsar de ali os seus colaboradores que retiraram, acusando os portugueses de nada fazerem durante o tempo do cêrco e de o soberano lhes ter recusado a porção do despôjo que lhes fôra prometido.

Não será a alusão 222,2 do poema germânico à guerra que Frute e Horand fazem com o rei de Portugal um eco das desavenças entre os cruzados e D. Sancho I por causa da repartição dos despojos, a que se refere o cruzado autor do célebre manuscrito *De Itinere Navali, De Eventibus, De Que Rebus A Peregrinis Hierosolymam Petentibus MCLXXXIX Fortiter Gestis Narratio?* (Vid. versão portuguesa de João Batista da Silva Lopes 1844, pág. 40). A acusação feita por Radulfo de Diceto, que o rei português «*christianis nullum prestabat auxilium*» (Ymag., *Hist.*, pág. 646, cit. em Herculano

ob. cit., t. III, pág. 191, nota) indica a disposição dos cruzados para com o soberano que seria injurado; por se opôr enèrgicamente aos desmandos dos seus colaboradores, usando da mesma energia que teve para com os cruzados ingleses, do comando de Sabloil e Ricardo de Camwil que em Lisboa cometeram as maiores violências. (Herculano, *ob. cit.*, t. III, pág. 206).

Que estranhar, pois, que na Kudrun os dois dinamarqueses lutem com o rei de Portugal que muito bem poderia ser D. Sancho I?

Ainda outra expedição de cruzados alemães, entre os quais se contavam Lothier, duque de Lorena inferior e Hartwig, arcebispo de Bremen, aportou a Lisboa que pela sua admirável situação veio a ser o porto mais freqüentado das frotas que se dirigiam para o Oriente. Silves que caíra novamente em poder dos musulmanos, foi atacada de surpresa pelos alemães, que na opinião de Herculano, talvez incitados pela narrativa dos acontecimentos passados, resolveu vingar os sofrimentos dos seus compatriotas, tomando a cidade que deixaram desmantelada e abandonaram a seguir, por se persuadirem que D. Sancho não dispunha de meios para a sustentar (Herculano, *ob. cit.*, t. III, pág. 231-232). Na segunda tentativa da tomada de Alcácer por Afonso Henriques colaborou uma frota de cruzados que se supõe ser a do conde de Flandres, Thierry ou Teodorico da Alsacia que em 1157 partiu para a Siria, com tão pouco êxito como na primeira, em que também entraram cruzados ingleses, a diligencias do inglês Gilberto, bispo de Lisboa, que partiu para a Grã-Bretanha em 1151 a prègar uma cruzada contra Sevilha, capital dos domínios dos Almohades em Espanha (Herculano, *ob. cit.*, t. III, pág. 65-67). E ainda finalmente em 1217, depois de muito desastres e procelas, entrou no porto de Lisboa parte da grande armada que de Wlaardingen partiu para a reconquista dos lugares santos, sob o

comando do conde Guilherme de Holanda e do conde de Withe e que era constituída sobretudo por habitantes do Reno inferior, a que se agregaram peregrinos dos Países Baixos e de França. A convite do bispo de Lisboa, D. Sueiro, com excepção dos Frisões que se separaram dos seus companheiros, seguindo viagem, auxiliaram Afonso II na conquista de Alcácer do Sal, largando do porto só no ano seguinte, na primavera de 1218, depois de terem passado o inverno em Lisboa, onde repousaram. (Herculano, *ob. cit.*, tomo IV, pág. 77 e seg.).

Na opinião de Martin também desta expedição se encontram vestígios na *Kudrun*. No entender do crítico alemão o nome de *Kassiane* que indica em 1534,2; 1541,2; 1543,3; 1692,2 a capital da Normandia, é o lugar português de S. Tiago de Cacem⁽¹⁾ que foi tomado com o auxílio dos cruzados em 1217. Realmente a velha *Merobriga*, depois de várias alternativas, ora em poder dos mouros ora dos cristãos, voltou definitivamente ao poder destes, depois da queda de Alcácer e de todo o território circunvizinho. (Vid. Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno*, vol. IX, pág. 34. Também em *De Rebus Hispaniae*, Roderici Toletani, em *Hispaniae Illustratae*. 1603, tomo II, cap. VI, liv. VII, pág. 115) se lê. «In diebus eius (Aldephonsus) Alchazar et castra alia in deditionem fidei catholicae peruenerunt». (Sobre a expedição de 1217 Cfr. Bernhard Kugler. *Geschichte der Kreuzzüge*. Allg. Gesch. von Oncken 1880 v. 16, pág. 315). A hipótese de Martin é arriscada. ¿Não será antes *Kassiane*, corrupção de *Cassand* (moderno *Cadsand*) que

(1) Cacém, nome próprio de homem em árabe.

Na toponímia portuguesa: nome de lugar perto de Sintra; em Santiago de Cacém; nome de lugar no c. de Odemira, como se vê do foral desta vila de 1255 na forma de Cazem em *Leges*, pág. 664. (Indicação do meu prezado colega Dr. David Lopes).

castelo de Hetel em 235,2 fica em *Campatille*. Das várias identificações referidas por Martin, (*ob. cit.*, pág. 55, nota) referirei a de Ettmüller com *Campodunum* (Kempten), *Campen* no Zuidersee; de Zingerle (Germania, 6,44) com vários nomes na região do Tirol, *Kampidelle* (ital. Campidello); de Wilmann com *Compostella*. (1) É esta última que me parece mais razoável pela semelhança dos nomes, embora pareça extraordinário que o Castelo de Hetel seja em lugar tão remoto! Tratar-se há de mais um contrasenso a juntar aos outros que temos indicado? Lembremos que em autores consagrados muito posteriores, como Skakiespeare, Kyd e tantos outros, as inconseqüências geográficas são freqüentes.

Além disso, como o poema foi conservado num único manuscrito, não se torna fácil reconstituir o texto primitivo com fidelidade.

Esta e outras contradições podiam explicar-se por erro de cópia, se é que não é invenção do poeta.

A identificação de Galiza e Portugal, como pátria de Hildeburg, não é de extranhar. Segundo lemos em *Os Arabes nas obras de Alexandre Herculano* do Sr. David Lopes, nota à pág. 124: «O termo galego significa nos escritores árabes, não só o habitante da Galiza, mas em geral os cristãos do norte e ocidente da Península e por conseqüência, os Portugueses, os Leoneses e os Castelhanos).

A interpretação das referências a Portugal por motivo das cruzadas é perfeitamente razoável, tanto mais que no poema por mais de uma vez se fala em cruzados. Em 488,4, quando os Hegelinge veem aproximar-se a armada de Hagen, em cujas velas se via uma cruz, diz-se que o velho Wate tinha pouco amor a tais peregrinos (*pilgerîne*). Por causa da

(1) Referências à Galiza encontramos em Wolfram v. Eschenbach. *Parzival und Titurel* VIII Buch. 550 e 649 e a Portugal no II Buch 240.